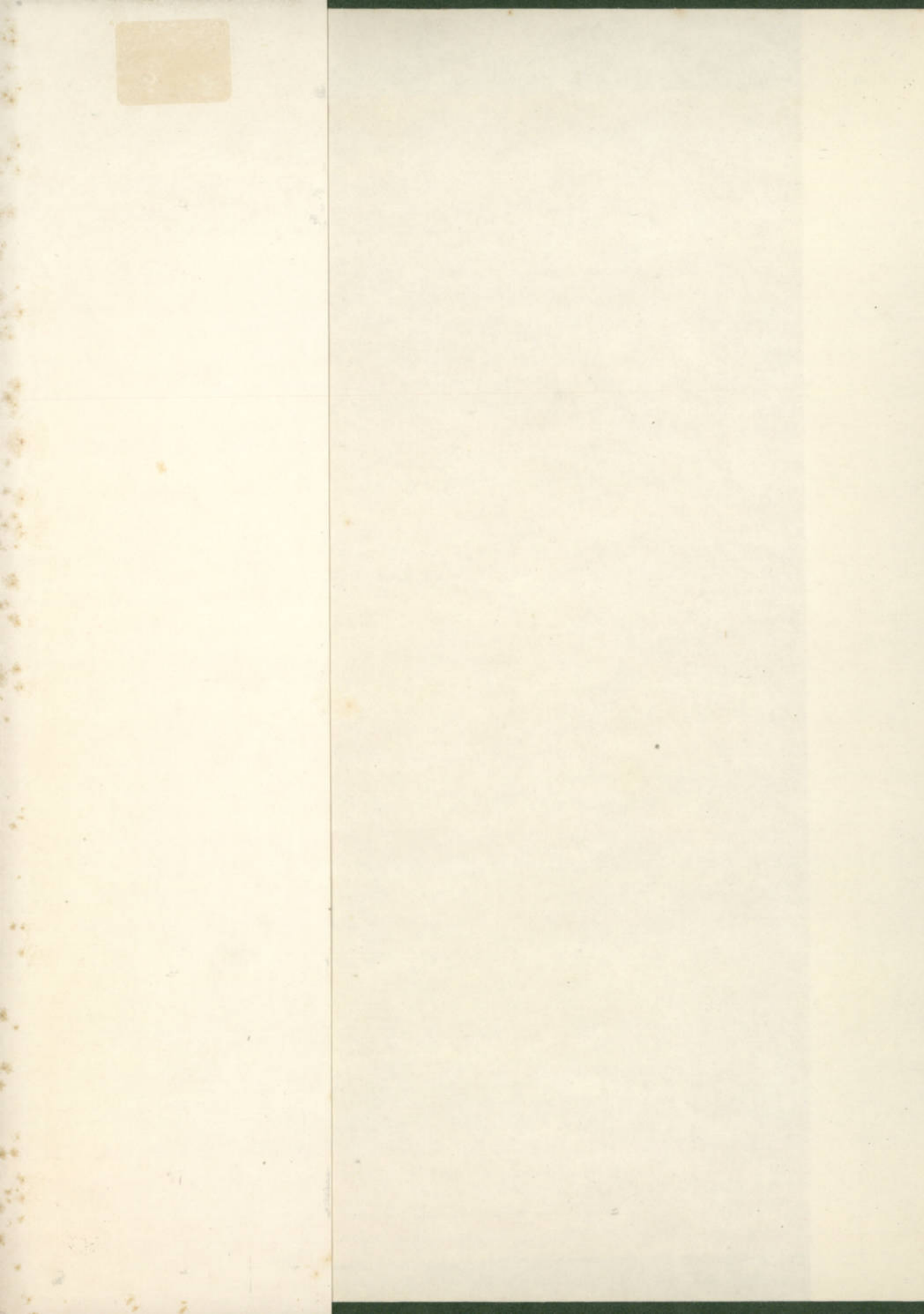


MENSAGEM
DE

ANO NOVO

DO CHEFE
DO ESTADO

* 1970





821-Rp



O SENHOR ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ AO PROFERIR A SUA MENSAGEM DE ANO NOVO AOS PORTUGUESES ESPALHADOS PELO MUNDO

**MENSAGEM
DE
ANO NOVO
DO CHEFE
DO ESTADO
* 1970**



S.N.I.
7274

INCORPORAÇÃO

MENSAGEM
DE
ANO NOVO
DO CHEFE
DO ESTADO
1970

CONTINUA o tempo correndo indefinidamente e, na esteira do seu caminhar implacável, vão os anos passando e, com eles, vão os homens desaparecendo do palco da vida, uns após outros, e mergulhando na bruma, mais ou menos cerrada, do esquecimento. Perante esta inevitável realidade é de perguntar à Humanidade porquê tanta ambição, tanto egoísmo, tanto orgulho e tanto ódio. Não seria antes preferível mais humildade, mais resignação, mais compreensão e mais caridade?

Com estas primeiras palavras, que são o desabafo duma alma que já viveu o bastante para saber que a miséria é permanente e a grandeza efémera, me dirijo aos Portugueses neste primeiro dia dum novo ano. E é já a décima segunda vez que o faço.

Sempre a aparição dum novo ano, após a comemoração em fraternal, compreensivo, mas infelizmente episódico convívio da quadra natalícia, é motivo de esperanças sem fim, que, no seu decurso, se vão tornando, quase todas, em amargas desilusões. Mas nem por assim

ser e tristemente todos o temos experimentado, se sente o Chefe do Estado menos na obrigação, que muito agradávelmente cumpre, de dirigir as suas saudações amigas aos seus irmãos portugueses e de lhes desejar as maiores felicidades no ano que hoje começa. Todos os bons portugueses bem as merecem, pela sua exemplar conduta no Mundo, pelo seu sacrifício na hora presente e pelo esforço que estão abnegadamente realizando na busca dum futuro melhor.

Tem o Chefe do Estado, nestas suas mensagens anuais, procurado fazer, em rápida síntese, o balanço do que ocorreu de mais interesse no ano que findou, quer sob o aspecto nacional, quer sob o aspecto internacional. Mais uma vez procurará fazê-lo e, como habitualmente, começando pelo segundo.

Ao contrário das esperanças manifestadas na mensagem de há um ano, não se concretizaram os sinais prenunciadores, que parecia vislumbrarem-se, de mudança, para melhor, do clima internacional em que se vivia. Tudo se tem mantido praticamente na mesma e

a não ser o impressionante progresso da ciência e da técnica, muito pouco evoluiu em sentido francamente positivo e é até bem visível o agravamento de males em parte resultantes de compromissos tomados, bastante ingenuamente, no fim e após a Segunda Grande Guerra e cujas consequências têm sido deveras desastrosas para o Ocidente. A errada política que este tem seguido ou, melhor, a carência de uma política que devia ter definido e mantido, propiciou a extensão do comunismo para além da zona a que devia ter ficado confinado e a intensificação da sua propaganda e da sua acção corrosiva com a maior liberdade, a liberdade que não consente, e que é aproveitada com mestria, sem limitações nos processos usados, muitos deles vedados no seu emprego, a quem não comunga em tão nefasta ideologia.

Tudo o que tenho afirmado nas anteriores mensagens, mormente na do ano passado, o tempo tem, infelizmente, confirmado. É pois inútil repetir, nesta, verdades que não são ouvidas e apelos que não são escutados; nem vale a pena chamar mais a atenção

para o desprestígio em que a O. N. U. se afundou e para a estagnação em que caiu a N. A. T. O. São outros os pontos que desta vez abordarei.

Começo pelo que é, talvez, o mais preocupante de todos, a degradação dos costumes em que a humanidade ocidental viveu decentemente durante largos anos.

A polidez com que a civilização, ao longo dos séculos, bruniu o homem, fruto da sua inteligência e dos sentimentos que foi sucessivamente cultivando, está-se diluindo. O homem parece tender para o regresso à mera animalidade de que partiu e de que se foi sucessivamente distanciando. O retrocesso começou, precisamente, nos povos ditos mais evoluídos e que deveriam constituir exemplo, mas sadio exemplo, para os que tiveram menores possibilidades de desenvolvimento. Mal se compreende semelhante incongruência, inversão alarmante que surge precisamente quando se está operando um assombroso avanço na técnica e na ciência, capaz de precipitar o progresso dos povos e de tornar a vida mais fácil e mais cómoda. Não se deverá culpar o avanço

material de ser o causador do retrocesso moral que infelizmente parece querer caracterizar os dias de hoje; há que buscar as causas desse retrocesso em campo bem diverso. E esse é, muito possivelmente, o da subversão que o comunismo hàbilmente tem infiltrado em tudo que existe e possa constituir embaraço para a sua acção dissolvente. As drogas com que a humanidade está sendo mais fortemente envenenada nos últimos tempos são um excelente veículo da corrupção dos costumes e tanto podem ser assimiladas por via oral, como pela visual. São, por qualquer das vias, extremamente nefastas, pois se por uma atentam contra a integridade física, pela outra vão contaminando progressivamente a integridade moral. Para o fim sempre em vista da dominação mundial, o comunismo não hesita nos meios que emprega, no seu mundo e fora dele. Todos lhe servem, de preferência os menos visíveis, que são normalmente os mais eficientes e rápidos. É por isso natural que a dissolução que está grassando, com intensidade assustadora, na sociedade ocidental, não resulte

apenas duma mentalidade doentia e da saturação dos seus hábitos normais e seja também obra do comunismo de exportação, que aproveita e explora com consumada arte todos os defeitos e fraquezas de que ela está, infelizmente, impregnada. Se a sociedade ocidental não for já capaz de defender-se do mal de que se encontra, pelo menos em parte, gravemente doente, é fatal cair em sucessivas e cada vez mais baixas degradações e corre o risco de morrer, como sucedeu a outras civilizações anteriores, da forma mais inglória. Há, pois, que actuar sem demoras e sem hesitações, para, ainda a tempo, pôr termo a tão estranhos desregramentos, evitando-se, assim, a consumação de tão desastroso fim.

Para outro ponto igualmente melindroso, embora apenas em parte, me pareceu dever chamar também a atenção. É ele o da insatisfação geral e do anseio, desconcertante, da juventude.

A primeira é uma das marcas características dos tempos actuais e resulta do acesso a novos meios que o progresso pôs, mais rapidamente do que era habitual,

ao serviço de parte da humanidade. Quando comedida, tem de considerar-se benéfica e pode ser fonte de maior e cada vez mais útil progresso. Porém quando ilimitada, torna-se perigosa, por poder conduzir rapidamente ao caos.

O anseio da juventude, sentimento saudável e indispensável, que existiu sempre ao longo de todos os tempos em maior ou menor grau, encontra-se presentemente maculado por uma propaganda constante e insidiosa, vinda das bandas do oriente, que o transformou em contestação permanente e não poucas vezes desregrada, em que tudo é criticado indiscriminadamente, o que está mal e o que está bem e, indistintamente, as deficiências realmente existentes e as medidas tomadas para as sanar ou aliviar. Ora como há anos atrás as deficiências eram muito maiores em todos os aspectos e as contestações muitíssimo menores, não podemos culpar apenas a juventude do que se está passando. Sem a isentar da parte e grande, que tem no clima criado, temos de procurar na sua infância e na forma de ministrar o ensino, uma parte

importante das causas que a tornaram mais contestadora do que estudiosa; e, principalmente, nas influências estranhas, através duma propaganda maciça, aparentemente defensora das prerrogativas da juventude, mas no fundo visando apenas servir-se dela, como seu agente ideal. É, afinal, mais outra forma de subversão, em que uma parte da juventude parece comungar, outra se não apercebe de toda a profundidade do perigo que está correndo e a maior parte erradamente desistiu de lutar.

As pessoas já não jovens e os velhos não são contra os novos, até porque também o foram, mas não podem, evidentemente, dar o seu acordo à maneira de ser de muitos dos jovens de hoje. Dantes os jovens, com todos os seus defeitos, eram ou pareciam ser mais generosos, sabiam talvez melhor ser jovens, não se deixavam contaminar por propagandas estranhas, que não toleravam, e tinham fé no futuro, naturalmente até, por disporem de bem menores facilidades na época em que viveram a sua mocidade.

Estamos, sem dúvida, vivendo tempos bastante diferentes daqueles em que antigamente se vivia. É muito possível tratar-se de mais uma viragem na História do Mundo, coincidente com um extraordinário progresso técnico e científico e com uma mudança profunda da mentalidade humana. Mas as causas podem muito bem ser principalmente outras e os dois pontos que acabei de aflorar conduzem a admitir que assim possa suceder.

Sejam quais forem as causas, os velhos sentem-se naturalmente alarmados, não pelo quase miraculoso progresso verificado na técnica e na ciência, mas pela profunda mudança de mentalidade, a seu ver perigosa, que está assolando o Mundo. Por seu turno os novos não se afiguram acalentados pela esperança de melhores dias, mas apenas de dias diferentes dos actuais. Os primeiros temem o futuro, não pelo que directamente lhes respeita, mas por aquilo que pode aguardar os mais novos. E estes parecem desnorteados e não sabem bem o que querem e por isso procuram estranhamente,

na destruição do que existe, o único remédio para os males que entendem caracterizar a época em que vivem.

O Mundo anda profundamente perturbado por ideias e propagandas sistematicamente feitas, que o tornam quase irreconhecível. Procura-se ruir os velhos dogmas e com eles verdades e processos, que não convêm à errada orientação que hoje pretende dominar o Mundo. Para tanto, tudo propositadamente se desvirtua e se esconde, com grave dano para a justiça e para a verdade, até mesmo por aqueles que mais conveniência teriam na orientação oposta.

Nem tudo porém é desolador na época em que estamos vivendo, pois temos assistido a um progresso técnico e científico há poucos anos imprevisível. Só quem nasceu nos últimos anos do século passado e transitou para o actual apercebendo-se já dos factos que successiva, mas morosamente, iam ocorrendo, é testemunha viva da evolução espantosa operada no nosso século. Já vai distante a aparição do primeiro automóvel, do primeiro carro movido electricamente e do primeiro avião, meios

de transporte que começaram a imprimir à vida da humanidade uma velocidade até então inusitada, embora de não muitas dezenas de quilómetros. O salto, nas quase sete décadas que vão passadas do século vinte, foi espantoso, mas só se tornou espectacular nas últimas três, ou seja a partir dos últimos anos da Segunda Grande Guerra. E assistimos, pouco depois de passada a primeira metade do ano findo, ao mais extraordinário feito praticado pela humanidade, a descida do primeiro homem na Lua. Tudo nesse feito impressionou profundamente, mas o que mais entusiasmou e maravilhou foi o apuro a que foi possível levar a ciência e a técnica para permitir tão assombrosa realização.

Pode discutir-se se a ida à Lua merecia prioridade em face do muito que ainda há a realizar na Terra e do desconhecimento, quase completo, do seu interior. Mas esses aspectos nenhum valor tiram ao cometimento, aos homens que o realizaram e o possibilitaram e à Nação à qual se fica devendo tão extraordinária façanha.

É já tempo de passar ao balanço, no aspecto nacional, do ano que passou.

Dominou-o, tal como aconteceu nos anos anteriores, a preocupação constante e o aturado esforço a que a defesa das sagradas parcelas de Portugal em África indiscutivelmente obriga. Continuamos combatendo, sòzinhos, o terrorismo que estranhos interesses atearam sucessivamente em Angola, na Guiné e em Moçambique e continuam constante e fortemente alimentando com armamento moderno e dinheiro. Embora mais alguns países continuem contribuindo ocultamente para a manutenção do terrorismo, parece fora de dúvida serem a União Soviética, os seus satélites espalhados pelo Mundo e a China Continental aqueles que estão arcando com a quase totalidade dos encargos. São esses, de resto, os países actualmente mais interessados no terrorismo, pois seriam os grandes beneficiados com o seu triunfo e praticamente os únicos. Os que inicialmente também cuidavam poder colher vantagens, devem estar já con-

vencidos de que assim não sucederia. Faço essa justiça à sua inteligência.

Mas não pode olvidar-se que a ajuda soviética e chinesa seria inoperante se Portugal não tivesse em África alguns maus vizinhos, que ignoram ou fingem ignorar as regras que regulam o convívio internacional. O desrespeito por essas regras, que não pode deixar de se considerar propositado, é que possibilita a manutenção do terrorismo, pois no território desses maus vizinhos é que se acoitam os bandoleiros, é dele que partem para realizarem as proezas para que foram instruídos e é neles que têm os seus quartéis-generais. E o impudor é tal, que ainda se queixam na O. N. U. da violação dos seus territórios por forças portuguesas e nela encontram o apoio e as resoluções que só se explicam pela ausência do mais elementar critério e pela falta total do espírito de equidade e de justiça, que devia presidir a todos os seus actos.

Tudo o muito que a mais poderia dizer sobre tão apaixonante tema, foi já dito com grande desenvolvi-

mento na mensagem que li na reunião conjunta da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa para abertura da X Legislatura e por isso e nesta matéria, só me resta a obrigação, que cumpro naturalmente com o maior entusiasmo, de saudar mais uma vez, e nunca serão de mais, as Forças Armadas de que sou Chefe Supremo, pela compreensão plena com que cumprem o seu dever, pelo abnegado sacrifício com que combatem um inimigo que dentro das normas da guerra subversiva só usa métodos insidiosos e pelo amor com que afinadamente defendem, palmo a palmo, o sagrado solo pátrio.

Apesar do terrorismo, continuaram as províncias de Angola, de Moçambique e da Guiné a conhecer um franco progresso, que nas duas primeiras foi naturalmente e por variadas razões mais acentuado e que, segundo o testemunho das pessoas que periódicamente visitam essas duas magníficas parcelas de Portugal, assume uma grandeza deveras consoladora. Também nas outras províncias portuguesas o progresso tem sido notório, salvo, certamente, no Estado Português da

Índia, onde os usurpadores nada devem ter realizado, até porque o nível que tinha atingido em 1961 era muito superior ao dos territórios da União Indiana. Como é inteiramente justo, tem o Chefe do Estado permanentemente no seu pensamento a situação aviltante em que se mantém esse rincão sagrado de Portugal, padrão das suas maiores glórias, que devia ter merecido o respeito do Mundo e até da própria União Indiana. E esta, nem sequer foi condenada pela «imparcial» O. N. U.

Durante o ano findo foram as províncias da Guiné, de Angola e de Moçambique visitadas pelo Presidente do Conselho, tendo sido a primeira vez que um Chefe do Governo se deslocou ao Ultramar. A recepção que lhe foi dispensada, nas terras que visitou, foi plena de entusiasmo, tal como se verificou nas deslocações dos Chefes do Estado, quando das suas visitas. O entusiasmo foi nova prova, embora desnecessária, do portuguesismo dos portugueses de todas as etnias e de todos os credos que nessas terras vivem, quer tenham ou não nelas nascido. A visita revestiu-se da maior

oportunidade e tanto os visitados como o visitante viveram momentos da maior euforia patriótica, que não esquecerão e que muita utilidade tiveram para o seu mútuo conhecimento. E como a viagem foi sobretudo uma viagem de serviço, tudo se conjugou para que das visitas resultassem os maiores benefícios.

Também o Doutor Marcello Caetano visitou oficialmente o Brasil e igualmente dessa deslocação se colheram os melhores frutos, para a indispensável maior compreensão recíproca entre os dois países irmãos e que constituem a Comunidade Luso-Brasileira. Os elementos oficiais e o povo brasileiro receberam primorosamente o nosso Presidente do Conselho e a colónia portuguesa exultou com a visita, como era natural. Consequentemente, mais um excelente serviço prestado ao País.

No ano de 1969 foram oficialmente comemorados os quintos centenários dos nascimentos de Vasco da Gama e de D. Manuel I e os primeiros centenários dos nascimentos do Almirante Gago Coutinho e do Marechal

Óscar Carmona. Foi dada natural primazia ao de Vasco da Gama, pela projecção que esse grande vulto da nossa História atingiu em todo o Mundo e que o encerramento do canal de Suez e o regresso à utilização da rota do Cabo da Boa Esperança, fez reviver. Mas também o centenário do nascimento de Gago Coutinho foi devidamente comemorado durante o ano e a partir de 17 de Fevereiro, não apenas pelo sábio almirante se ter imortalizado pelos processos inéditos de navegação aérea que usou na I Travessia Aérea do Atlântico Sul, como por ter sido um geógrafo distintíssimo e um perito consumado na interpretação das viagens realizadas pelos navegadores portugueses de quinhentos.

No ano que hoje começou ocorre o quinto centenário da descoberta da ilha de S. Tomé. Espera-se que esse centenário seja comemorado com o realce que inteiramente merece e que as circunstâncias presentes tornam mais saliente.

É altura de referir, como nas mensagens dos anos anteriores, a actividade do Chefe do Estado ao longo

de 1969, no respeitante às suas deslocações, às visitas que realizou, às inaugurações a que presidiu e às cerimónias a que compareceu.

Começo por lembrar que cada Chefe de Estado tem, naturalmente, além da maneira de ser comum a todos, uma característica própria que o distingue, melhor ou pior. A minha reside na preocupação, que sinto, de contactar o mais possível com as populações e de estar presente em todos os actos, inaugurações e cerimónias em que essa presença se justifique.

Dessa peculiar maneira de agir resulta, naturalmente, uma quase constante peregrinação através do nosso território, mormente da parte situada no Continente europeu. Sinto que o povo aprecia bastante o estilo que comecei usando há já onze anos, pois ele bem merece todo o apreço por parte do Chefe do Estado, que do povo veio e perfeitamente sabe constituir ele e ter constituído sempre, o maior e mais valioso esteio em todas as vicissitudes suportadas pela Nação ao longo de mais de oito séculos de História.

Dada pela primeira vez esta singela explicação, farei de seguida a mais breve síntese possível da minha peregrinação no ano que findou, referindo apenas o essencial. Desloquei-me pela primeira vez à cidade do Porto em 18 e 19 de Janeiro para assistir a várias cerimónias e realizar diversas visitas e, sobretudo, para presidir à inauguração dum Centro de Formação Profissional Acelerada. Pouco mais de um mês depois, inaugurei outro Centro análogo, na vila do Seixal. A 11 de Março visitei o regimento de Infantaria n.º 5, nas Caldas da Rainha, e o Centro de Instrução que nele funciona. A 10 de Abril presidi à inauguração do novo e magnífico edifício da Biblioteca Nacional. A 17 do mesmo mês desloquei-me a Coimbra para inaugurar o novo e belo edifício da Matemática da Universidade e para visitar a Escola de Regentes Agrícolas e dois liceus (o segundo na Figueira da Foz). A 20 visitei oficialmente e pela primeira vez, a vila de Peniche. Em 27 e 28, ainda do mesmo mês, visitei novamente a cidade do Porto, em especial para inaugurar o Parque

Desportivo Salazar, da F. N. A. T., e visitar o regimento de Infantaria n.º 6. No dia 10 de Maio presidi à inauguração, na cidade de Lagos, da estátua do navegador Gil Eanes. No dia seguinte presidi à inauguração do empreendimento hidroagrícola do rio Mira e da Barragem respectiva, que recebeu o nome de Marcello Caetano a pedido das forças vivas dos distritos de Beja e Faro. No dia 15 visitei a Escola de Fuzileiros Navais, em Vale de Zebro. Em 23, ainda de Maio, visitei oficialmente e pela segunda vez, a cidade de Portalegre. Em 1 de Junho presidi à inauguração da Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, que visitei segunda vez no seu fecho. No dia seguinte desloquei-me a Beja, para visitar a Base Aérea n.º 11. No dia 8 presidi, na Barragem do Roxo, à cerimónia em que lhe foi dado o nome do Engenheiro Arantes e Oliveira e inaugurei, em Moura e Estremoz, os seus Palácios de Justiça. No dia 9 procedi à inauguração da Feira Internacional de Lisboa. No dia 10 presidi, no Terreiro do Paço, à cerimónia militar que anualmente se realiza de consagração aos heróis

de África. Em 12 visitei o Museu Militar e a sede do Estado-Maior do Exército. Em 19 visitei as instalações do Iberlant, em comemoração do vigésimo aniversário da N. A. T. O. Em 24 presidi à inauguração dos novos paços do concelho de Alcácer do Sal. Em 25 visitei o Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira. Em 27, ainda do mês de Junho, visitei, em Lamego, o Centro de Instrução de Operações Especiais. No dia 1 de Julho inaugurei, em Alverca, o Museu do Ar. Em 24 presidi à inauguração dum bairro da Previdência em Santo António dos Cavaleiros. Em 26 inaugurei diversas instalações na Fábrica Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. No dia 3 de Agosto assisti, em Setúbal, à Festa do Mar e inaugurei a Feira de Santiago. Em 8, 9 e 10 visitei várias unidades industriais do distrito de Aveiro e visitei oficialmente Vale de Cambra e Macieira de Cambra, procedendo a várias inaugurações. Em 24 inaugurei, em Ponta Delgada, o Aeroporto da Nordela. Em 30 do mesmo mês de Agosto visitei oficialmente a cidade do Funchal, pro-

cedendo a diversas inaugurações. No dia 4 de Setembro visitei o Grupo n.º 2 de Escolas da Armada. No dia 7 visitei oficialmente as vilas de Sines e de Palmela. Em 8 estive em Montemor-o-Novo, nos seus renovados paços do concelho. Em 13 e 14 visitei oficialmente e pela segunda vez a cidade de Viseu, onde procedi a várias inaugurações. Em 23 inaugurei, no Barreiro, mais um bairro de casas económicas. Em 24 visitei o Campo Militar de Santa Margarida. Em 28 presidi ao fecho das Comemorações do primeiro centenário da cidade de Santarém. No dia 2 de Outubro presidi à inauguração da sede, do museu e de outras magníficas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, que valorizaram extraordinariamente a cidade de Lisboa. Em 4 inaugurei as novas fábricas da Covina, na Póvoa de Santa Iria. Em 8 presidi, em Leixões, à inauguração do Terminal para atracação de navios-tanques. Finalmente, no dia 16 de Novembro, inaugurei os agrupamentos habitacionais, que nos concelhos de Sintra, Loures, Alenquer e Arruda dos Vinhos e subsidiados pela

Fundação Calouste Gulbenkian, foram construídos para realojar os sinistrados que ficaram sem lar devido às trágicas inundações de 25 de Novembro de 1967.

O ano de 1969 foi um ano deveras trabalhoso, não pelas deslocações que o Chefe do Estado nele realizou e acabadas de referir apenas em parte, mas por tudo, e foi muito, o que se realizou; foram publicados numerosos diplomas, foram feitas algumas reformas, mais ou menos profundas e houve que prestar a máxima atenção a quanto pudesse contribuir para o mais rápido progresso do País e para uma mais acelerada promoção do nível de vida do povo português. E, além de toda esta actividade houve ainda que proceder a eleições gerais para a nova legislatura da Assembleia Nacional. Mas a tudo, felizmente, foi possível fazer face da melhor maneira e, para consolação pessoal, pude ver finalmente constituída a Fundação a que foi dado por patrono Salazar, o português genial que com a sua sábia administração conseguiu dar a Portugal algumas décadas de calma política e social. Está já a Fundação agindo no

sentido de levar a efeito a construção do maior número de casas para nelas poderem viver, com a indispensável dignidade, as famílias mais carecidas de habitação capaz. E espera-se inaugurar as primeiras em Santa Comba Dão, no dia 28 de Abril, data do aniversário do Presidente Salazar.

Alguns pontos a que me desejaria referir também, ficaram por tratar, mas é mister terminar esta mensagem que vai já longa de mais.

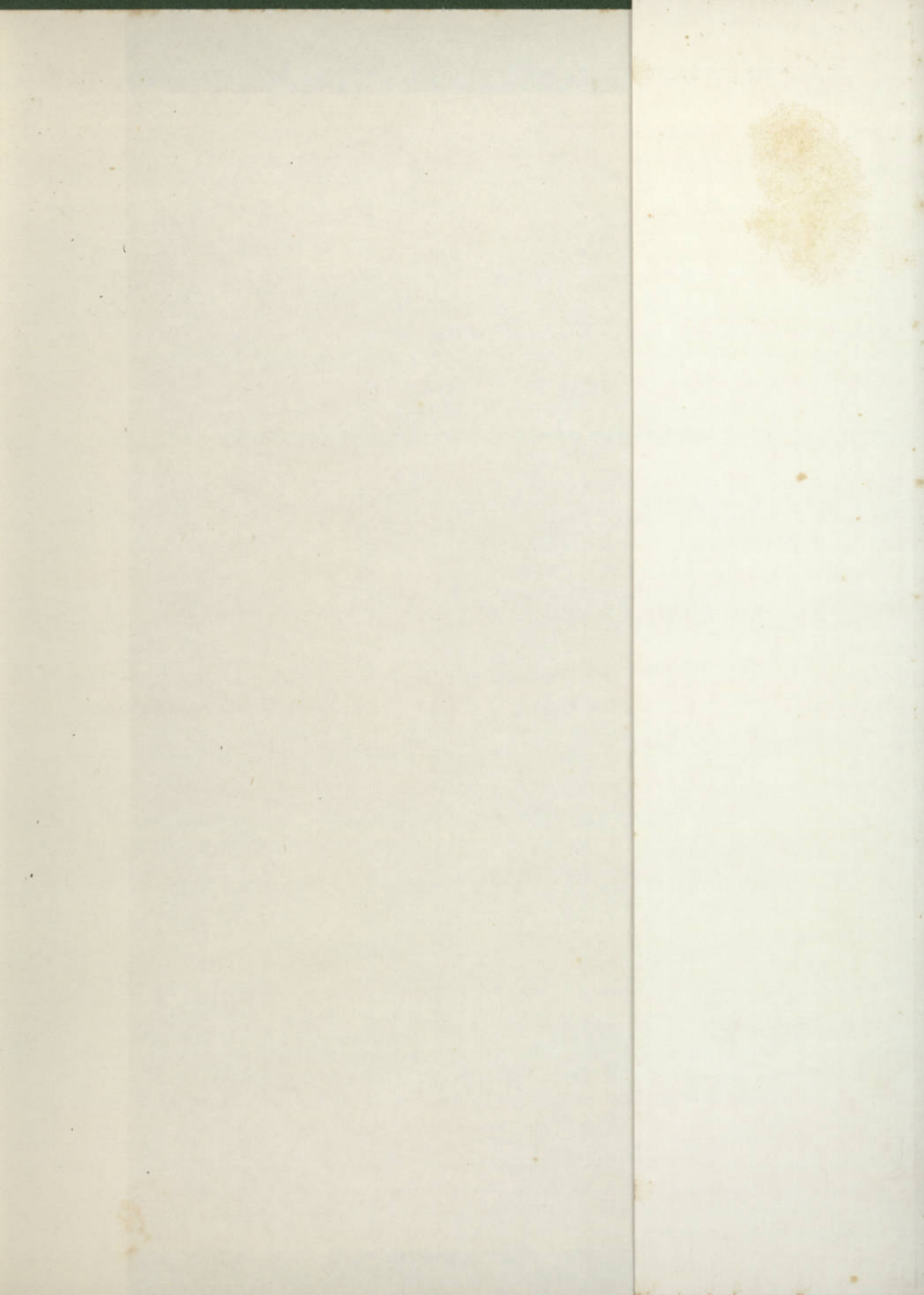
E termino-a lembrando que o dia de hoje é consagrado à Paz, segundo o apelo mais uma vez lançado, com todo o seu amor à Humanidade, pelo Santo Padre Paulo VI.

Infelizmente a Paz, a verdadeira Paz no convívio entre os homens, as sociedades e as Nações, é uma meta muito difícil de atingir e será, por muito tempo ainda, uma aspiração praticamente irrealizável.

A Paz não é a mera ausência de guerra: mas um estado de compreensão e de harmonia entre os homens, que só pode existir quando floresce a virtude e domina

a razão. Não haverá Mundo pacífico sem aperfeiçoamento da humanidade. Vejo por isso com esperança o apelo do Sumo Pontífice, na medida em que a sua mensagem cristã possa mobilizar as energias morais para fazer face ao desencadeamento do espírito de violência que o materialismo da idade técnica, com suas ambições ilimitadas de domínio, corre o risco de provocar.

Não tenhamos pois, e infelizmente, ilusões: a Paz completa só será uma realidade quando a Humanidade for perfeita e ela está ainda muitíssimo longe de o ser. Mas isso não obsta a que cada um de nós procure contribuir, com todo o seu esforço e, sobretudo, com toda a sua boa vontade, para que a enorme distância a que ela ainda mora possa ser encurtada cada vez mais. Se os homens eliminarem os imensos defeitos de que são portadores, também as sociedades deixarão de os ter e igualmente as Nações ficarão deles libertas. Mas será isso algum dia possível, antes que o planeta em que vivemos morra? Deus permita que sim.



NB



EFG0000515123



S.N. I